DESPEDIDA

O último turno de Paim

Paulo Paim deixa o Senado em fevereiro, após 40 anos no Congresso. Ao **Correio**, o ex-metalúrgico de 76 anos, que ajudou a aprovar o fim da escala 6x1, conta a sua trajetória política, sindical e pessoal

» JOÃO PEDRO DE LARA RESENDE*

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Paulo Paim: quatro mandatos como deputado federal e três como senador, além da trajetória no Rio Grande do Sul como metalúrgico

Em 1986, a greve dos rodoviários havia paralisado a região metropolitana de Porto Alegre, e o sindicalista Paulo Paim estava à mesa com os empresários quando olhou o relógio. Às 22h, embaixo do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, começava a festa de 15 anos de Edneia, a filha mais velha. Ela tinha pedido uma coisa: dançar com o pai.

Paim pediu a um companheiro que fosse a Canoas avisar que ele não iria. Do outro lado da mesa, um dos empresários — "um grandão", segundo o senador — interrompeu a reunião. "Tu já tá atrasado; nós vamos suspender isso aqui e só vamos retomar quando voltar", lembra Paim. "Vá lá, dança com a tua filha, abraça ela e diz que a gente também mandou um abraço."

Ele foi. Dançou, cantou parabéns e, cerca de uma hora depois, voltou à mesa. O acordo saiu. "Acho que até ajudou aquele clima", diz. Não se lembra do nome do empresário. Da noite, garante que nunca mais se esqueceu.

Paim contou a história numa terça-feira (27/10), no gabinete do 22º andar do Anexo I do Senado, entre um gole e outro de chimarrão. Antes da primeira pergunta, avisa que o mate é bom, mas que, se bobear, a erva escapa com a água e trava a garganta.

Faltavam pouco mais de três meses para ele deixar o Congresso, após quatro mandatos como deputado federal e três como senador, quase todos dedicados à mesma pauta. Na Câmara, os colegas inventaram para ele o apelido de "deputado de uma tecla só", a do salário mínimo. "Eu sou de uma tecla só, não há problema nenhum", responde. Ele não disputou a eleição deste ano. As duas vagas gaúchas em jogo ficaram com os deputados federais Sanderson (PL) e Marcel van Hattem (Novo).

A tecla soou mais alto em outubro. No dia 14, Paim tirou um lenço do bolso no meio do discurso, antes de o Senado aprovar, por 75 votos a 1, o fim da escala 6x1. A emenda garante duas folgas por semana e reduz a jornada máxima, sem corte de salário, para 42 horas em dezembro deste ano e para 40 horas em dezembro de 2027. Na votação, o relator da proposta, Omar Aziz (PSD-AM), homenageou o colega: disse ter convivido com Paim por oito anos, chamou-o de "a pessoa que mais lutou para que a gente chegasse a esse momento" e pediu ao plenário uma salva de palmas. Dois dias depois, na sessão do Congresso que promulgou a emenda, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), chamou Paim para a Mesa. Disse que "o coração" não lhe permitiria deixar de convidá-lo.

Na tribuna, no dia 14, conta Paim, passou-lhe pela cabeça a vida inteira. Lembrou-se de que, quando levantava às 6h, fazia uma hora extra de manhã e mais duas à noite, até às 20h. "Eu fazia três horas extras pra poder sobreviver", diz. A jornada legal ainda era de 48 horas semanais. E lembrou-se do pai.

Um príncipe em Caxias

Inácio Paim, domador de cavalos, era da região de Bom Jesus, nos Campos de Cima da Serra. Itália Ventura tinha a pele mais clara, e a família dela não queria vê-la casada com um homem negro. Os dois fugiram a cavalo. Pela história que o filho ouviu em casa, fazendeiros mandaram capangas atrás do casal. Já em Caxias do Sul, os capangas perguntaram aos colonos italianos por um negro e por uma mulher mais clara. A resposta, segundo Paim, foi: "Aqui não tem negrote nenhum, aqui só tem branco". O pai se escondeu numa igreja.

Na cidade, Inácio dobrava o expediente: trabalhava de dia e, à noite, fazia ronda como vigia. "Dupla jornada, e todas elas eram de, no mínimo, 10 horas", diz o filho. Era a